

ESCRITURAS. DISCURSOS. CIDADE. E CINISMO

RICARDO JOSÉ DE MOURA

DOUTORANDO PELO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO

INSTITUTO DE PESQUISA E PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO (IPPUR/UFRJ)

RESUMO

A ideia desta conversa parte de escrituras que tem em cartas/correspondências, mas também cartadas de um jogo, dizeres satíricos, tensionamentos acerca de discursos considerados “oficiais” e, portanto, hegemônicos no que concerne a ~~cidade~~ desenvolvimentista e do progresso. A ~~cidade~~ idealizada. Discursos cínicos e de negócios sobre a ~~cidade~~, disfarçados de doçura, de embelezamento. O Rio de Janeiro comemorou 450 anos – quem comemorou? De que Rio estamos falando?

Palavras chaves: Escrituras. Discursos. Cidade. Cinismo

OH, QUANTA MENTIRA SUPORTEI
NESTE TEU CINISMO DE DOÇURA
PODE PARAR
COM ESSA IDÉIA DE REPRESENTAÇÃO
OS BASTIDORES SE FECHARAM PRA DESILUSÃO
PODE PARAR
COM ESSA IDÉIA DE REPRESENTAÇÃO
OS BASTIDORES SE FECHARAM PRA DESILUSÃO (É MENTIRA...)
É MENTIRA
CADÊ TODA PROMESSA DE ME DAR FELICIDADE
BOTA MEL EM MINHA BOCA
ME AMA, DEPOIS DEIXA A SAUDADE, SERÁ...
SERÁ QUE O AMOR É ISSO?
SE É FEITIÇO VOU JOGAR FLORES NO MAR...¹

¹ Canção *mel na boca* cantada por Beth Carvalho

Tudo que não invento é falso.

Manoel de Barros

Se pensas acompanhar causos meus, sugestão: faça isso com malignidades de sentidor, de perturbações de memória e pouquinho de nada de razão (sei não). Por certo, faço gosto se experiências tuas em ouvirdes causos meus, te farão querer esta ladainha no mais alto nível de ciência. O Coisa Ruim, o Dianho, o Cramulhão, o Cão, o Tisnado, o Coxo, o Pé-Preto, o Sete-Pele, o Não-sei-que-diga existe não, e diz: isso é sofisticação epistemológica. Epistemologia dos demônios, das intensidades. Eita coisa boa. Agora é vez de Visgoso, Ventoseiro da Gravidade.

*Meu nome é Visgoso,
não tenho outro de pia.
Como há muitos comigo e em mim,
Santo não-sei-que-diga,
O povo então deu de me chamar
Visgoso Atoleirento;
como há muitos dessa espécie
fiquei sendo o Visgoso Atoleirento
Ventoseiro da gravidade.
Mas isso ainda diz pouco:
há muitos ~~na cidade~~,
por causa de um Danado
que se chamou Visgoso
e que foi o mais antigo
perturbador do servilismo
Como então dizer quem fala
ora Vossas Senhorias?
Vejamos: é o Visgoso
Atoleirento Ventoseiro
lá da serra da Misericórdia,
limites de uma ~~cidade~~.
Mas isso ainda diz pouco:
se ao menos mais cinco havia*

como nome de Visgoso
Atoleirento Ventoseiro
filhos de tantos,
homens e mulheres
de outros tantos,
vivendo na mesma serra
grudenta e fétida em que eu vivia.
Somos muitos Visgosos
iguais em tudo? nem sempre:
do mesmo pé-preto
que a custo trilha por aí,
no mesmo movimento desestabilizante
sobre os quase mesmos pés-de-pato sujos,
e iguais, aí eu duvido, também porque o sangue
que usamos é de cramulhão, morcego, tinhoso.
E se somos Visgosos
iguais em tudo na vida,
(esse negócio de igual complica)
morremos de morte igual?
nunca morreremos. Por que?
Sei lá: Mas que a morte de que se morre
de velhice nas filas,
de bala perdida na juventude,
de fome um pouco por dia,
Essas têm jeito não.
E alguém tem culpa?
Pergunta aos donos desta sesmaria
Somos muitos Visgosos
iguais em tudo e na sina:
a de atrapalhar muitas trilhas
suando-se muito em cima
a de tentar redemunhar
sacizando pras lonjuras
a de querer arrancar
algum trocado nessa viagem.
Mas, para que conheçam

*melhor Vossas Senhorias
e melhor possam seguir
a história da minha vida (me mira, mas me erra)
passo a ser o Visgoso
que em vossa presença emigra.²*

O cramulhão tá de volta.

CARTA ABERTA AO POVO

Certa vez, cramulhão, perambulando pela cidade, encontrara um amigo de infância. Este amigo gostava de provocar o diabo. Ele carregava em uma bolsa um documento antigo, do início do século XX, sobre o Rio de Janeiro. O documento estava muito amarelado, um pouco danificado e apagado. Mas, ao tirá-lo da bolsa, dava para perceber que era um jornal – havia roubado de um bêbado num boteco – de boa circulação da época. E como tal, embotado de um discurso de combate às pragas, aos pestilentos e todos os que se tornavam empecilhos para construção de um Rio de Janeiro moderno, belo e desenvolvido. O cramulhão recebera do amigo o documento, espécie de correspondência oficial, e resolveu ler em voz baixa:

- Prezados moradores do município do Rio de Janeiro,
- Precisamos traçar e promover metas de modernização a fim de apagar a imagem negativa de ‘cidade pestilenta’, afinal a busca pelo progresso e um reconhecimento no exterior não podem ter como marco a (in) salubridade. A nossa preocupação com a ordem pública se configurava por meio da remoção de todo o tipo de epidemias, moradores de rua, prostitutas etc. A cidade não pode ser mais chamada capital pestilenta. Vamos acabar com os problemas destas habitações anti-sanitárias. Vejam a composição dos cortiços³, muito deles uma espécie de habitação coletiva, de modo que não podemos deixar de intervir. Vamos promover saúde pública com habitações decentes. E não me diga os adversários que esta é uma política higienista. O que queremos não é apenas controlar, mas eliminar os lugares que consideramos de degeneração e focos de doenças. As famílias brasileiras, os bons costumes e a ordem nacional devem ser

² Reescrito a partir da obra: *Morte e Vida Severina* (in:) *O Retirante*, de João Cabral de Melo Neto.

³ No livro *Origens da Habitação Social no Brasil* Nabil Bonduki aponta para o problema da habitação popular no final do século XIX como concomitante aos primeiros indícios de segregação espacial. De acordo com Nabil o cortiço se configura como um dos quatros tipos de moradia – hotel – cortiço, a casa de cômodos, os cortiços improvisados e o cortiço de pátio. Conferir (1998 p. 22-25).

mantidos. Para tanto, os 'pestilentos', manguzais e cortiços devem ser eliminados do convívio social, exatamente por representarem uma ameaça.

E prossegue:

- O problema da cidade pestilenta, a classe pobre, pessoas de origem modesta, hábitos pouco saudáveis e moradias insalubres não são pressupostos. Não precisa de nenhuma averiguação, basta ver (com nossos olhos) donde vêm os problemas de saúde, junto a isso os problemas morais. Nesse sentido, convoco médicos, engenheiros e sanitaristas a desenvolverem estratégias de ação para contenção desta população que vive em condições marginais. Baseamos nossa proposta numa lógica científica. Nós seremos protagonistas dessa nova modelagem da cidade cujo parâmetro é as intervenções urbanísticas como base no modelo francês. E para tanto "o artista demolidor" – excelentíssimo Barão Haussmann é nossa maior e mais bela referência. Vamos transformar a Cidade do Rio de Janeiro na Paris dos Trópicos - *Made in Europa*.

E mais:

- Todo este pensamento reformista e desenvolvimentista está ligado a uma nova dinâmica estética e estrutural da cidade, mas ainda, tem como elemento central a eliminação dos 'pestilentos', dos marginais, das classes perigosas. Precisamos iniciar rapidamente a derrubada de morros (morro do Castelo) e cortiços para abrir ruas, avenidas. Tudo com o apoio de uma legislação específica. Nestas normatizações incluiremos as leis de proibição de criação de animais, o funcionamento de quiosques e da Vacina obrigatória (com objetivo de inocular o vírus da varíola). Não obstante as brigadas sanitárias acompanhadas da força policial para vasculharem as moradias e em ocasiões mais complicadas retirar as pessoas de suas moradias à força. Este é o ideal reformador republicano. Autoritarismo? Jamais! São questões estéticas e econômicas da maior importância para o desenvolvimento da cidade e da nação.

Prefeito do Município do Rio de Janeiro

Francisco F.

Rio de Janeiro, em algum lugar do passado.

Visgoso, ao terminar a leitura do documento, fica inquieto e raivoso, pois além do discurso higienista o jornal reservara uma parte considerável para o prefeito. E diz para o amigo:

- Vou responder este documento. Talvez, uma bela e amigável carta ao senhor

Franco F. possa servir para sensibilizá-lo e não devastar a cidade. Ah! Vou encaminhar esta carta aos bons impressos que temos hoje, até porque eles são imparciais.

O amigo solta um riso pelo canto da boca e se despede de Visgoso. Mas eis um problema: a quem direcionar a carta, uma vez que defensor de tal pensamento e escritor deste discurso havia falecido em 12 de março de 1913? Será que depois de cem anos (sem anos de solidão) haveria alguma possibilidade de resposta? Ou era melhor procurar o Jazigo que Francisco F. havia sido sepultado e tentar mediunicamente convencê-lo a mudar de ideia? Não é raro saber que o atual gestor da cidade gosta de ser comparado ao senhor Francisco F. e vive, com largo sorriso no rosto, dizendo por aí:

- Quero ser comparado ao senhor Francisco F. Sou o Francisco F. moderno.

Visgoso, intrigado com essa estória, resolve ir ao Memorial do Carmo, nas imediações do bairro do Caju, subúrbio do Rio de Janeiro para falar com Francisco F. Ele sabia que seria preciso, diante do Jazigo perpétuo do senhor Francisco F., invocar e evocar uma mediunidade, pois somente desta maneira poderia conversar com um morto há quase um século.

CEMITÉRIO DO CAJU. JAZIGO DO SENHOR FRANCISCO F.

Chegando ao Memorial do Carmo Urbano, cheio de apetrechos, desenrola um lençol branco sobre o túmulo do cidadão. Põe alguns elementos sobre o lençol. Augida com pioca, vinho branco e um franguinho. Era tarde da noite. Logo após a composição da mesa um forte redemoinho o toma de tal maneira que depois de alguns segundos, com voz nitidamente diferente, começa:

- lahahaha! Prezados Senhores,

- Como é do saber dos senhores, os pestilentos nunca vão acabar. Só se proliferam. São como vírus. Estão em toda parte dessa cidade e em outros tantos lugares. Acho que deveriam pensar em cidades pestíferas como modelo de cidades. E tome risos.

A esta altura Visgoso já estava tomado por uma entidade. E começou a lembrar de uma aula magistral do Upiano sobre Foucault. Mas curiosamente VisgosoAtoleirento da Gravidade nunca havia entrado numa universidade. Estava literalmente sob efeito da entidade. E continuou:

- Uma cidade pestífera traz como problema o fato de haver PESTILENTOS ATUAIS. Pestilentos atuais são todos aqueles que, dentro da cidade, trazem a peste. E a cidade traz, então, o problema de ali haver também os PESTILENTOS VIRTUAIS — aqueles que podem ter a peste. Que é exatamente a grande divisão que se faz numa

sociedade pestífera. Você pega uma ~~cidade~~ cidade pestífera, segundo Foucault, e o que se passa nela é essa divisão: pestilentos atuais e pestilentos virtuais. Pega-se os pestilentos virtuais — logo, pestilentos virtuais se aproximam um pouco da *dinamis* do Aristóteles — são aqueles que podem ter a peste, mas não têm. O que se vai fazer com os pestilentos virtuais é isolá-los; separá-los dos pestilentos atuais. Na hora em que essa separação se faz, o poder político começa a exercer uma prática de força constante em cima dos pestilentos virtuais, numa administração generalizada daquelas vidas — administra-se o alimento, administra-se a moradia, administra-se o vestuário, administra-se o ar..., faz-se uma administração generalizada daquelas vidas! Todos são administrados; e, para continuar vivendo, todos têm que receber um tipo de disciplina, (Entenderam isso?) que são exatamente o campo de uma sociedade que tem os virtuais da peste. Esses virtuais são administrados, sobretudo por um poder médico, que administra aquelas vidas. O que Foucault vai dizer é que a nossa sociedade traz esse modelo. Ela traz esse modelo; então, para a nossa sociedade, todos nós somos pensados como seres virtuais e, não, como seres atuais. E como seres virtuais, as forças vão fazer uma prática de disciplinarização em cima de nós, para constituir o nosso corpo e a nossa alma. Isso é o que ele chama de MÁQUINAS CONCRETAS. Num campo social, as máquinas concretas são as instituições que têm a função de trabalhar nessas virtualidades: prisão, hospício, escola, exército...⁴

Em meio à sessão mediúnica visgoso começa a jogar capoeira sob o som de Aidê⁵. O som...cantos ~~cidade~~. becos, lugares fétidos, marquises, esconderijos, submundos. Experimenta a sensação dos subterrâneos ⁶. De repente, Visgoso volta em si (?) e percebe que está sentado sob a lápide de senhor Francisco F., mas com uma foto do tataraneto de Francisco F. Percebe também que em seu estado mediúnico envia, virtualmente, pelo seu moderno celular, a carta ao tataraneto de F. Porém, este correio eletrônico, tinha outras questões que de alguma maneira fazia conexão com aquela carta de cem anos.

CORREIO ELETRÔNICO AO TATARANETO DO SENHOR FRANCISCO F.

- Prezado tataraneto do senhor F.

⁴ Este discurso foi retirado de uma aula de Claudio Ulpiano.

⁵ *Aidê uma negra africana* é uma canção cantada em rodas de capoeira.

⁶ Notas do Subterrâneo de Dostoiévsky.

- Angustiado com esta correria do dia-a-dia das grandes metrópoles, gostaria de encaminhar um correio que recebi uns dias. Um daqueles correios que vai direto para caixa de *span*. Mesmo sabendo do risco de abri-lo, o fiz. Vírus. Viral. Virose. Virtual. Por favor, leia com toda atenção que lhe inerente. Mobilidade. Urbana.

- Um tipo de velocidade como uma felicidade: *um sim, um não, uma linha reta, uma meta...* (Belzebu. Crepúsculos dos Ídolos. p.16). Rapidez, linha reta, meta, desenvolvimento, progresso. Então, aceleremos o tempo.

- Pessoas deslocam-se de um lado para o outro com tamanha rapidez que mal dá para uma conversa **a**fiada, nem percebem atmosferas cotidianas⁷. Costumam entrar em transportes coletivos que circulam por ruas, avenidas e estradas para chegar algum ponto do que chamamos de ~~cidade~~. São deslocamentos quase involuntários. Atos involuntários de andar, correr, mexer-se pelas ruas ~~cidade~~ que se aliam as muitas tarefas que o mundo moderno impõe a muita gente.⁸ Normalmente estas tarefas estão relacionadas ao trabalho, seja de que natureza for. Parece que isso está ligado a um cumprimento de dever que vigora na ordem do *kronus*. Vivemos apressados⁹.

Estes movimentos que ocorrem, na maior parte das vezes, sem influência da vontade tendem a obedecer à lógica acelerada daquilo que se considera desenvolvimento. Ele (o desenvolvimento) força e forja conexões imediatas, de ordem quase obrigatória, causa e efeito com lugares, natureza e pessoas. O modo de vida estanque nas grandes metrópoles acaba por responder, em certa medida, ao tempo devorador. Devorador da lentidão, da preguiça, da história, da memória, das experiências. Xô preguiçosos. Vagabundos.

⁷ Certa vez um cronista chamado Jorginho da amendoeira, escreveu uma crônica intitulada *A vida como ela é*, talvez baseado em inspirações rodriguianas. Transcrevo aqui parte dela: Hoje, levantei-me, como de costume, fiz a cama, dirigi-me ao banheiro, urinei, lavei as mãos e o rosto, tomei banho, escovei os dentes, me arrumei com aquela rapidez de sempre, tomei café e. Após estes atos quase que mecânicos do dia a dia, despedi-me da minha mãe, da minha sobrinha e parti [...]. No caminho nada de anormal. Peguei uma Van, soltei no ponto da linha amarela em Bonsucesso, subúrbio do Rio de Janeiro e tomei um ônibus em direção a Barra da Tijuca, rumo ao trabalho[...]. De repente, o ônibus que levava os passageiros aos seus destinos, teve sua velocidade interceptada por uma policial que desviava o trânsito... que tristeza...uma mulher deitada no asfalto com parte do seu corpo coberto com um saco preto [...].

⁸ Uma parada para um cafezinho num boteco também pode ser um deslocar-se, mas diferentemente desta, especialmente quando a parada reativa a memória. Tudo o que o modelo desenvolvimentista de cidade procura fazer é apagar a memória. Ver o livro de Backel sobre Proust - *Memória involuntária*. Em Proust e Walter Benjamin. Obras *O pequeno príncipe* de Antoine De Saint-Exupery e *O escolar* de Van Gogh.

⁹ O tempo *Kronus* (devorador) é o tempo da modernidade diferentemente do *Kairos* – ritmo totalmente diferente – tempo da natureza que foi acelerado pela modernidade. Benjamin diz que: "era de bom tom levar tartarugas para passear pelas galerias". Uma crítica/proteto contra o ritmo acelerado que a vida moderna impôs. Tudo indica que Benjamin mirava a cidade como espaço privilegiado do *flaneur*.

A *cidade* desenvolvimentista é assim. A *cidade* dita a partir de um artigo definidor, portanto, limitador e hegemônico. A *cidade* expressa no singular. Singular que sugere universalização de algo nomeado *cidade*. Sugere esse dizer (*cidade*) um discurso único. *cidade* é (alguma coisa) em si. Esta perspectiva, através de modos e formas diferentes, sempre fez parte das estratégias de dominação. Por exemplo, o discurso de intervenções emblemático via modernidade do século XX: sanitarismo, higienismo, urbanismo, planejamento urbano, o presente planejamento estratégico e de gestão¹⁰. Este último alia-se categoricamente ao tempo da administração do tempo – Gestão disso, Gestão daquilo, até mesmo Gestão de pessoas. Uma vontade incontrolável de controle¹¹. Cada um deles constitui seu objeto de intervenção, dito *cidade*, ao seu modo. Um modo totalizante de dizer: *Cidade*.

Senhora mobilidade é óbvio que tais construções discursivas operam aliadas aos veículos de comunicação de massa. Eles ocupam um lugar central para compreensão das formas discursivas totalizantes da contemporaneidade, especialmente àquelas que pretendem instaurar um consenso no que concerne a metrópole idealizada. Não podemos ignorar as formas e conteúdos pelas quais a imprensa tradicional se impõe como efetivo bastião daquilo que vale a pena pensar.¹² Disse certa vez um Belzebu: “Se vocês não chegarem a experimentar um desgosto físico por certas palavras e jargões, aos quais os jornalistas nos habituaram, então, devem renunciar à aspiração da cultura”¹³.

[...] Informação como palavra de ordem que ganha campo nas obtenções de favorecimentos no jogo dos que operam a favor da construção de um discurso totalizador sobre a *Cidade*, isto é, de um discurso mítico, ideológico e fracassado sobre desenvolvimento e progresso, aliado a questões estéticas. Estes discursos pretendem esconder e dissipar as outras tantas perspectivas e narrativas que se encontram no interior de *idades*, que, aliás, estão na contramão desse vetor desenvolvimentista e

¹⁰ Tive mais um pequeno deslize: cometi outro roubo, desta vez de uma das falas do GPMC quando participávamos de um dos encontros do Vamos Desenrolar no Complexo do Alemão cujo tema era: Políticas Públicas e *Cidade*.

¹¹ O surgimento desta ideia de gestão relaciona-se a vida administrada politicamente e "crescente melhoria". Uma espécie de eugenia o que Foucault denominou de Biopolítica. Políticas de gestão social e formação de subjetividades relativamente adocicadas.

¹² Refiro-me ao público médio (acrítico). Tomo de empréstimo tal expressão de Roland Barthes, embora ela mereça ser atualizada dada a dinâmica que envolve o fenômeno de comunicação na atualidade. Nesta perspectiva não cabe usar, por exemplo, o conceito de massa, já que está ultrapassado e aponta para um discurso tão homogeneizador quanto de dominação tal qual o discurso sobre *A Cidade*. Ver *Massa e Poder* (estudo sobre o conceito de massa) de Elias Canetti. Ver também a elaboração de Deleuze e Guattari sobre a língua menor *Kafka por uma literatura menor* p.47.

¹³ Belzebu (2003, p.69).

constroem outras tantas cidades possíveis de habitação, convívio e convivência, horizontalidade, de desejo e, portanto, política.

Mas, o discurso da lógica desenvolvimentista tem por finalidade por em circulação um modo de vida estanque e um tipo de organização nas grandes metrópoles, de modo que a vida seja caudatária do tempo *Kronus*. Para tanto, superinveste em discursos sobre "mobilidade urbana", a fim de tornar factíveis as intervenções urbanísticas. A vida apressada (conferir conto de Borges), então, passa a precisar de mobilidade urbana para se articular com o tempo do fazer agora. Nada pode ficar para depois – fazer num outro tempo. Ficar para depois implica em prejuízos na produção e conseqüentemente no desempenho individual.

O desempenho é o critério de julgamento.

O *desempenho* (embora um substantivo abstrato) é uma instância que promete recompensar todos aqueles que possuem (o tal do talento) ou consigam construir um conjunto de características ou capacidade de comportamento e rendimento (seja ele individual ou empresarial), a fim de parecer factível um ganho pessoal ao mesmo tempo em que serve de parâmetro externo e interno de qualquer tipo de concorrência, individual ou empresarial.

Para exemplificar a ideia de desempenho, prezada mobilidade, chamo atenção para figura do *funcionário do mês* que algumas empresas criaram. Este funcionário reconhecido pelo seu *desempenho* tem sua foto estampada no quadro da empresa para que todos possam ver. Normalmente empresas de *fastfoods* e outras do gênero têm esse hábito. Outras empresas sofisticaram este procedimento desde uma simples gratificação à viagem para algum lugar do Brasil ou do exterior (não que isso não possa ser prazeroso e interessante, mas trabalho como sublimação dos impeditivos cotidianos). O que se exige desse funcionário é que ele cumpra as responsabilidades a ele destinadas, bem como as da empresa que o contratou: não falte, não chegue *atrasado*, seja pró-ativo (este tópico é essencial), colaborativo, trabalhe em equipe, tenha boa relação interpessoal em fim vista a camisa da empresa. Uma máquina de se comportar para então ser premiado no final do mês.

Portanto, ficar para depois indica atraso, lentidão características insuportáveis à vida apressada. Ao progresso ¹⁴. Ao desenvolvimento. O que está a serviço desse desenvolvimento? As forças predativas. Elas são responsáveis por criarem

¹⁴ O progresso é a ilusão da evolução, da melhoria que seria capaz de transformar a vida social e conferir-lhe maior significação no contexto da experiência humana, de modo que o problema da civilização não só aparecesse como resolvido, mas também como valoração tácita do desenvolvimento. Daí a oposição de um Belzebu (Nietzsche) à idéia de "melhoramento do homem".

desenraizamentos, destruição da história e da memória como possibilidade de experiências. Experiência de mundo que Descartes transformou em representação do mundo – ciência cartesiana dominando o mundo fora da experiência. Construção de uma racionalidade que desse conta do mundo, das experiências do mundo.

Ah! Ia me esquecendo: as metrópoles se constituíram como campo de batalhas, muito por conta do controle e ocupação de áreas urbanas inteiras. Na tentativa de recuperar o espaço urbano abandonado, o estado usa estratégias militares e outros artifícios, até mesmo incêndios em determinadas ocupações “impeditivas” ao desenvolvimento (isso não é novo). “As campanhas da Administração Pública nas quais visam à retomada e *reforma* da infra-estrutura urbana são indicativas de uma nova situação na política da cidade. Enquanto novos projetos corporativos de desenvolvimento urbano são implantados subvertendo a legislação e apropriando áreas inteiras da cidade, as populações excluídas atacam o restante do espólio do espaço urbano” ¹⁵.

Assim me firmo,

Tisnado, o coxo, parceiro de VisgosoAtoleirento.

Rio de Janeiro, 29 de maio de 2013.

Eu repassei para minha *mallig list*. E o senhor faz parte dela. Não sei se fiz certo, mas ando tão angustiado que resolvi enviá-la mesmo sabendo que andas muito ocupado com as muitas reuniões com os investidores, homens de negócios que desejam ardentemente fazer desta cidade a mais bela e habitável de todo planeta. E quem sabe podes na sua distinta e magnânima postura reservar um tantinho de nada de sua preciosa atenção para ler este correio. Sei que é um pedido ambicioso, mas, por favor, senhor tataraneto do senhor Francisco F., faça este obséquo.

RESPOSTA DO TATARANETO DE FRANCISCO F.

Querido carioca,

¹⁵Pista 44. Arte/Cidade. Máquinas de Guerra contras os Aparelhos de Captura.

Sei que é gente fina. Todo carioca é gente boa. Seu e-mail me deixou feliz. E passo respondê-lo com todas as minhas boas intenções e com aquele meu sorriso de sempre que você e todos os cariocas conhecem muito bem.

Eu, na qualidade de Prefeito desta ~~cidade~~, gostaria de ser lembrado como o meu tataravô. Certamente você já deve ter ouvido falar dele. Sr. Francisco F. veja um de seus discursos mais famosos do início do século XX.

- Precisamos traçar e promover metas de modernização a fim de apagar a imagem negativa de 'cidade pestilenta', afinal a busca pelo progresso e um reconhecimento no exterior não podem ter como marco a (in) salubridade. A nossa preocupação com a ordem pública se configurava por meio da remoção de todo o tipo de epidemias, moradores de rua, prostitutas etc. A ~~cidade~~ não pode ser mais chamada capital pestilenta. Vamos acabar com os problemas destas habitações anti-sanitárias. Vamos promover saúde pública com habitações decentes. E não me diga os adversários que esta é uma política higienista. O que queremos não é apenas controlar, mas eliminar os lugares que consideramos de degeneração e focos de doenças. As famílias brasileiras, os bons costumes e a ordem nacional devem ser mantidos. Para tanto, os favelados e as favelas devem ser eliminados do convívio social, exatamente por representarem uma ameaça.

. Certamente amigo carioca, hoje as coisas já não são mais assim, pois até mesmo, os moradores de aglomerações subnormais têm meu apoio, minha admiração e minha solidariedade. Não posso mais remover as favelas, tenho que integrá-las a ~~cidade~~. Mas nunca é demais, lembrar aquele que transformou o Rio de Janeiro em um lugar habitável. Meu tataravô. Senhor Francisco F.

Portanto, carioca amigo, peço um pouco de atenção e veja a composição *das favelas* do nosso Rio. Parafraseio um amigo: Fico muito aflito. Tudo tem a ver com a violência. Você pega o número de filhos por mãe na Lagoa Rodrigo de Freitas, na Tijuca, Copacabana, é padrão sueco. Agora pega na Rocinha. É padrão Zâmbia, Gabão. **Isso é uma fábrica de produto marginal.** ¹⁶

Não fique chateado comigo, pois sei que você concorda com nossa meta de fazer o Rio um lugar para todos.

Um forte abraço do seu amigo,

Atenciosamente Tataraneto do senhor Francisco F.

¹⁶ Esta declaração do Governador do Rio de Janeiro Sérgio Cabral saiu em parte dos jornais locais no dia 25 de outubro de 2007 (a cobertura feita pelo veículos midiáticos hegemônicos são semelhantes. O que um publica todos publicam). Dois dias depois o editorial do O Globo trazia a seguinte opinião: "as camadas pobres da população converteram-se numa fábrica de reposição de mão-de-obra para o exército da criminalidade". Isso arrolou pelos dias seguintes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, Manoel de. 1996. *Livro sobre o nada*. Brasil: Record.

BENJAMIN, Walter. 1985. (p. 225). *O conceito de história em Obras escolhidas. Magia e técnica. Arte e política*. São Paulo: Brasiliense.

_____. 1986. Experiência e pobreza. In: _____. *Documentos de cultura, documentos de barbárie*. Tradução de Celeste H. M. Ribeiro de Souza et al., São Paulo: Cultrix / EDUSP.

DELEUZE, G; GUATTARI, F. 2004. *O Anti-Édipo – Capitalismo e Esquizofrenia I*. Trad. Georges Lamazière – Rio de Janeiro: Imago, Lisboa: Assírio e Alvim.

_____. 1996a. *Mil Platôs– capitalismo e esquizofrenia*, vol. 1. Rio de Janeiro: Ed. 34.

_____. 1996b. *Mil Platôs – capitalismo e esquizofrenia*, vol. 3. Rio de Janeiro: Ed. 34.

_____. 2014. *Kafka. Por uma literatura menor*. Ed. BH.

FOUCAULT, Michel. 2003 (1973) *A verdade e as formas jurídicas*. Rio de Janeiro: NAU Editora.

_____. Michel. 1999. Soberania e disciplina. In: FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal.

GUATTARI, F; ROLNIK S. 2005. *Micropolítica: Cartografias do Desejo*. 5ª Ed. Petrópolis.

Origens da Habitação Social no Brasil Nabil Bonduki

NIETZSCHE, FRIEDRICH. *Crepúsculos dos Ídolos*.

_____. *Genealogia da Moral*.

ZOURABICHVILI, François. 2004. *O VOCABULÁRIO DE DELEUZE*. Tradução:

André Telles. Rio de Janeiro.

Arte/Cidade. Máquinas de Guerra contras Aparelhos de Captura.